

Tunísia enfrenta protestos de jovens em meio a uma estabilidade política precária

Via [El País](#)

A Tunísia está passando por um de seus piores momentos, justo quando comemora o décimo aniversário desde que o ditador Zine el Abidine Ben Ali fugiu para a Arábia Saudita em 14 de janeiro de 2011. Coincidindo com essa data, o país atingiu um pico no número de infecções e mortes devido à pandemia. As autoridades decretaram um bloqueio de quatro dias, acompanhado por um toque de recolher, que foi respondido por milhares de jovens nas principais cidades do país. O Ministério do Interior anunciou na segunda-feira a prisão de 632 pessoas, na sua maioria entre 15 e 25 anos de idade, durante as três noites de violência.

Os tumultos começaram nos bairros mais pobres da capital e se espalharam por outras regiões do país. Houve saques, queima de pneus e confrontos com a polícia. O exército, a instituição mais respeitada do país, de acordo com várias pesquisas, tem sido destacado para as ruas. As causas dos protestos continuam desconhecidas.

A cientista política franco-tunisiana Khadija Mohsen-Finan, autora do livro *Tunisie, l'apprentissage de la démocratie* (2011-2021), assinala por e-mail que os protestos são o produto da falta de resposta dos sucessivos governos democráticos às demandas sociais. Diante dos jovens, assinala Mohsen-Finan, existe apenas “um Executivo fraco e dividido”. “Os diferentes grupos políticos podem ser tentados a instrumentalizar esta desesperança e transformá-la em um

desafio ao poder”.

O porta-voz do Ministério do Interior, Khaled Hayouni, disse à mídia local que o fenômeno não tinha “nada a ver” com os movimentos de protesto constitucionalmente garantidos. “Não é nem um protesto nem uma manifestação”, disse ele. “Eles são ataques à propriedade de outros. Aqueles que querem protestar ou se manifestar não quebram a propriedade de seus concidadãos”.

A deputada Abir Musi, presidente do Partido Desturiano Livre (PDL), uma organização nostálgica pela ditadura que vem crescendo em popularidade há vários meses, já chamou o primeiro-ministro a prestar contas para esclarecer quem está se escondendo por trás deste “vandalismo”. Musi salientou que não havia nada de espontâneo nos eventos e que os jovens tinham sido financiados por partidos políticos.

O cientista político Mohsen-Finan acredita que a deputada Musi se beneficiará desta situação, pois ela prioriza a ordem e desenha um passado que “ela mesmo reescreve”. “Mas o ponto em comum entre ela e as outras partes que têm governado até agora é que ela não tem nada a oferecer. Ela só se distingue por sua ênfase na estabilidade. Mas isto é apenas uma oferta política”.

Nos últimos 12 meses, a Tunísia teve três governos diferentes. A última crise ministerial ocorreu no sábado passado, quando o Primeiro Ministro Hichem Mechichi anunciou uma mudança na chefia de 12 ministérios. Entre a dúzia de políticos cuja aprovação Mechichi deve submeter ao Parlamento, não há nenhuma mulher. Desde fevereiro do ano passado, no auge da crise pandêmica, o Ministério da Saúde mudou quatro vezes suas manchetes.

Hoje, a Tunísia tem 180.090 infecções por Covid-19 e 5.692 mortes em um país de 11,5 milhões de pessoas. Este número é o dobro do da vizinha Argélia (2.836), com 42 milhões de

habitantes, e ligeiramente inferior ao do Marrocos (7.492), com 36 milhões de habitantes. Devido à pandemia, o PIB caiu 8% no ano passado e o setor de turismo, indispensável para a economia do país, viu sua atividade ser reduzida em 68%.

No décimo aniversário da revolução, a fragilidade de um governo de coalizão formado por tecnocratas converge para um parlamento altamente fragmentado, onde o principal partido, o islâmico Ennahda, venceu as eleições legislativas de 2019 com apenas 57 deputados, de um total de 217.